

# Funai admite que índio é vítima do colonizador

ELIANA LUCENA

Enviada especial

Não foi genocídio o que se fez no Brasil, contra os índios, mas latrocínio, praticado não pela Funai ou pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio, e sim pelas frentes pioneiras que não respeitavam nada em sua marcha para a ocupação do país. Genocídio, foi o que fez o governo norte-americano, no passado, contra as nações índias. Em nosso país, apesar dos erros de uma política indigenista de 473 anos, que estamos procurando corrigir, nunca se fez tanto pelo índio como agora, afirmou ontem Ney Land representante da Funai no Simpósio de Ingenismo que se realiza em Cuiabá, sob o patrocínio da Universidade do Mato Grosso.

Como observador do Simpósio, Ney Land conseguiu colocar, em duas horas, a posição da Funai diante do problema.

## CERTEZA

Depois de ressaltar o trabalho da missão Anchieta de Diamantino, Ney Land afirmou que discorda de qualquer trabalho religioso junto aos grupos indígenas, em decorrência "da atuação nefasta que desenvolvem". "Tentando salvar as almas — afirmou — esquecem-se de salvar o corpo, como esquecidos estão de que, sem o corpo, não poderão salvar as almas. Pela prática de 12 longos anos, posso afirmar que a introdução violenta de novos traços de comportamento na cultura indígena e de novas formas sociais e religiosas, não raro levam os grupos indígenas à dúvida, tendo como resultado, o descrédito em suas antigas crenças, ocasionando a quebra de traços, padrões e complexos culturais e levando logo o grupo à marginalização".

"O índio-defende Ney — assim como os civilizados, precisa crer em algo superior a si próprio, não importa o nome que tenha esse ser: se Jesus, Buda ou Alá. Não importa a forma com que pratica a sua crença e manifesta o seu respeito. O que importa realmente, é que ele tenha algo de verdadeiro em que acreditar, compreendendo como verdadeiro, aquilo que está inserido no contexto cultural de cada grupo".

## OBRIGAÇÃO

Ney Land ressaltou que o membro de uma sociedade complexa, detentora de uma cultura mais evoluída, tem a obrigação de respeitar as crenças de uma sociedade simples, como desejamos que as nossas sejam respeitadas. Para o representante da Funai, o único trabalho de missionários válido, é o que vem sendo feito pela missão Anchieta, que pretende não catequizar índios, para trabalhar com eles, segundo a orientação antropológica.

Ney Land reconheceu que ainda existe falta de diálogo na Funai, mas rebateu a acusação de que os jornalistas estrangeiros "que fazem o jogo da verdade", são proibidos de entrar nas reservas indígenas. "Qual dos senhores — perguntou — gosta de ouvir enxovilhar o nome do Brasil no exterior?"

## MASSACRE

Contou que um antropólogo sueco, Lars Person, chegou ao absurdo de dizer que o órgão protetor de índios no Brasil estava adquirindo aviões no Canadá para combater aldeias no leito do rio Amazonas e que o governo era orientado para o massacre dessas populações. Outros, como René Suerst e Georg Grumberg, fizeram um livro intitulado "Bibliografia Crítica de Genocídio no Brasil". "O mesmo René Suerst — disse — resolveu vir ao Brasil, trazendo especialistas ingleses para analisar a situação de nossos índios. Estudamos a proposta e aceitamos, mas com a condição de que não arcaríamos com as despesas, pois o casal Tenison, gastou quase 200 mil cruzeiros da Funai para depois chegar à Inglaterra e acusar o Brasil de Genocídio.

## ESTRADA

"Todos sabem que uma estrada, cortando reservas indígenas — afirmou — é um veículo que traz enormes problemas para os índios e consequentemente para a Funai. Mas, temos que reconhecer que a necessidade de integração da Amazônia ao resto do Brasil é

essencial. Tanto é verdade, que a própria Universidade de Mato Grosso, juntamente com o sertanista Apoena Meireles, planejou o novo traçado da estrada, que sai de Vilhena com destino a Dardanelos e mesmo assim, cortando o parque indígena do Aripuanã, marginando o rio Juruena, para evitar um mal maior, que seria a estrada cortando, pelo centro, o parque. Até hoje — ressaltou — os índios do parque do Xingu estão felizes e sadios, passando por um processo lento de aculturação, evitando-se assim sua marginalização. Por que não podemos fazer o mesmo com a tribo Cinta-Larga, do Aripuanã?"

## INTEGRAÇÃO

"É lógico — defendeu Ney Land — que a integração do índio no contexto regional é a única maneira de se resguardar a vida física dele. As mudanças sociais se iniciam desde o momento do primeiro contato com a turma de atração. Um simples machado de aço provoca um salto de três mil anos na vida de uma comunidade indígena. Justamente por isso, a integração deve ser feita através de um processo lento, sem mudanças bruscas de padrões de comportamento, sem quebras de suas instituições tribais, a fim de que se impeça uma marginalização perigosa". Sem esse processo — comenta Ney Land — surgem os quistos minoritários marginalizados, incultrados nas sociedades regionais. O trabalho seria então dobrado, como está sendo para a Funai, em relação aos índios do Nordeste e do Sul do País, onde o órgão está tentando tirá-los de uma marginalidade para integrá-los nos contextos sociais.

## EXPLORAÇÃO

"Esta é a única maneira de salvar o índio — defende. As frentes pioneiras avançam e, com elas, todos os tipos de exploração, abertura de estradas e exploração de minérios. Tudo isso é uma contingência histórica, como é a conquista da Amazônia, nos dias de hoje. Se isso é uma fatalidade, cabe a nós, aos homens da ciência e aos que se interessam pelo problema, apresentar as soluções que irão resolver o problema, evitando os choques de duas culturas completamente opostas, onde fatalmente pereceria a menos dotada tecnologicamente".

Ney Land salientou que o maior trabalho da Funai, atualmente, não é com os grupos indígenas que se acham em processo de atração, mas justamente com aqueles que são considerados integrados, como os do Sul do País, do Nordeste e do Sul do Mato Grosso. Adiantou que a Funai está aplicando, nessas comunidades, um plano de desenvolvimento, visando retirar aqueles grupos da marginalização em que se encontram.

## MINÉRIO

Defendendo a Funai das acusações de permitir prospecção de minérios em áreas indígenas, Ney Land afirmou que a exploração do subsolo em todo o território nacional está sob a responsabilidade do Ministério das Minas e Energia, podendo a Funai apenas escalar homens para acompanhar os trabalhos, quando eles são realizados em regiões de índios em processo de atração, como é o caso dos Cintas-Largas. Quanto à Companhia Imobiliária Itaporanga, que se estabeleceu próximo à reserva do Aripuanã, permitindo que seus colonos invadissem as terras dos índios, disse que a Funai entrou em contato com o INCRA, no ano passado, e que este órgão imediatamente solicitou a prisão preventiva dos implicados. O processo está correndo atualmente em Porto Velho.

## VERBA

"Existe falta de verba na Funai para todos os trabalhos", explicou. "As frentes de atração são dispendiosas, gastando em média 10 mil cruzeiros por mês". Informou que o Departamento de Estudos e Pesquisas da Funai recebia, por ano, uma verba de 140 mil cruzeiros, o que cobre as necessidades de apenas dois meses de trabalho. Com uma verba especial do PIN, a Funai pode, agora, manter o trabalho das 10 frentes que estão atuando na Cuiabá-Santarém e Transamazônica.

A frente dos sertanistas Cláudio e Orlando Vilasboas, dos Krenhakarões, segundo o representante da Funai, é a mais cara. Nela já foram empregados 142.151 cruzeiros, até agora. Sobre a interdição dessa área, já pedida pelos sertanistas,

disse que existem dois projetos que estão sendo estudados pela Funai. O primeiro, proposto pelos Villasboas e, o segundo, pela Funai, tendo em vista a criação de uma reserva biológica e a liberação de uma área solicitada pelo Exército para manobras militares.

## CRÍTICAS

Ney Land disse ainda que a Funai reconhece que muitas vezes as críticas feitas ao trabalho desenvolvido pelo órgão são honestas e construtivas. "E, além disso — salientou — se a Funai está sendo criticada, é porque ela existe". Quanto ao simpósio, diz que na realidade ele foi 50 por cento a favor do índio e 50 por cento contra a Funai.

O prefeito do município de Aripuanã, que será servido pela estrada de Vilhena e Dardanelos, cortando o Parque Indígena de Aripuanã, defendeu ontem a necessidade da construção da estrada para levar o progresso a uma região pobre, sem vias de acesso.

Acrescentou que até agora os trabalhadores não encontraram qualquer grupo indígena isolado na rota da estrada e defendeu-se da acusação de que a estrada viria beneficiar grandemente a fazenda de Antônio Junqueira, responsável pela chacina de grupos de índios, em 1963. "A estrada passa pela fazenda por ser realmente o caminho mais curto e racional".